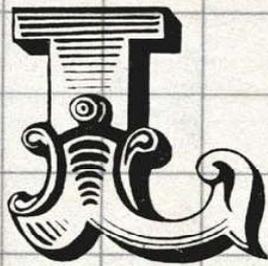


DAVID FOSTER WALLACE



FICANDO  
LONGE

DO FATO DE JÁ

ESTAR MEIO

QUE

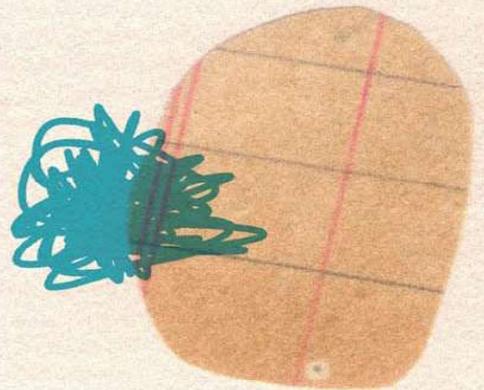
LONGE

DE TUDO



far är  
gen ko  
ner ää

ENSAIOS



COMPANHIA DAS LETRAS

DAVID FOSTER WALLACE

# Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo

*Tradução*

Daniel Galera e Daniel Pellizzari

*Seleção e prefácio*

Daniel Galera



# Sumário

Prefácio: Preste atenção — *Daniel Galera*

1. Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo
2. Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer
3. Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante
4. Pense na lagosta
5. Isto é água
6. Federer como experiência religiosa

## 5. Isto é água\*

Saudações, obrigado e parabéns à turma de formandos de 2005 do Kenyon. Dois peixinhos estão nadando e cruzam com um peixe mais velho que vem nadando no sentido contrário, que os cumprimenta dizendo: “Bom dia, meninos. Como está a água?”. Os dois peixinhos continuam nadando por mais algum tempo, até que um deles olha para o outro e pergunta: “Água? Que diabo é isso?”.

O emprego de historinhas didáticas com ar de parábola é um requisito padrão dos discursos de paraninfo nos Estados Unidos. Na verdade, de todas as convenções do gênero, a historinha é uma das que possui o menor teor de conversa fiada... mas se acham que pretendo me colocar na posição do peixe mais velho e mais sábio que explicará o que é a água para vocês, os peixinhos, por favor, não temam. Não sou o peixe velho e sábio. Minha intenção com a historinha dos peixes é simplesmente mostrar que as realidades mais óbvias, onipresentes e fundamentais são com frequência as mais difíceis de ver e conversar a respeito. Dito dessa forma, em uma frase, é claro que isso não passa de uma platitude banal, mas o fato é que nas trincheiras cotidianas da existência adulta as platitudes banais podem ter uma importância vital, ou pelo menos é o que eu gostaria de sugerir a vocês nessa manhã de tempo seco e agradável.

Claro que o principal requisito de um discurso como este é que eu fale a vocês sobre o significado de uma formação em ciências humanas e tente explicar por que o diploma que estão prestes a receber não representa apenas uma compensação material, mas também possui um valor humano autêntico. Tratemos, então, do clichê mais difundido no gênero dos discursos de

paraninfo, segundo o qual uma formação em ciências humanas não é tanto uma questão de preencher vocês de conhecimento, sendo mais um caso de, abre aspas, “ensiná-los a pensar”. Se vocês são o mesmo tipo de aluno que eu fui, nunca gostaram de ouvir isso e tendem a se sentir um pouco ofendidos com a alegação de que precisaram que alguém os ensinasse a pensar, pois o próprio fato de terem sido selecionados para uma universidade tão boa quanto esta parece ser uma prova de que já sabem fazer isso. Porém, quero postular que o clichê das ciências humanas não tem nada de ofensivo, pois a forma realmente significativa de educação do pensamento que deveríamos obter num lugar como este não tem relação com a capacidade de pensar, e sim com aquilo em que escolhemos pensar. Se vocês acham que sua liberdade irrestrita de escolha para pensar no que bem entenderem é óbvia demais para ser questionada, peço que pensem de novo em peixes e água e que contenham somente por alguns minutos seu ceticismo em relação ao valor daquilo que é totalmente óbvio.

Aqui vai mais uma historinha didática. Tem dois caras sentados num bar nas profundezas remotas do Alasca. Um dos caras é religioso, o outro é ateu, e eles estão discutindo a existência de Deus com aquela intensidade característica que surge lá pela quarta cerveja. Aí o ateu diz: “Olha, não é que me faltem motivos concretos para não acreditar em Deus. Não é como se eu nunca tivesse experimentado essa coisa toda de Deus e orações. Agora mesmo no mês passado eu estava longe do acampamento quando fui pego de surpresa por aquela nevasca terrível, não conseguia ver nada, fiquei totalmente perdido, estava 45 graus abaixo de zero, e aí decidi tentar exatamente isso: caí de joelhos na neve e gritei ‘Oh Deus, se é que existe Deus, estou perdido nessa nevasca e vou morrer se você não me ajudar!’”. Aí o sujeito religioso encara o ateu, todo intrigado: “Bem, depois disso você deve ter começado a acreditar”, ele diz, “afinal de contas você está aqui, vivo”. O ateu revira os olhos, como se o religioso fosse um tremendo paspalho: “Não, cara, só aconteceu que uns esquimós apareceram do nada e me mostraram para que lado ficava o acampamento”.

É fácil submeter essa história a uma análise meio que padrão das ciências

humanas: a mesmíssima experiência pode significar duas coisas completamente diferentes para duas pessoas diferentes, dado que essas pessoas têm dois padrões de crença diferentes e duas maneiras diferentes de construir sentido a partir da experiência. Como valorizamos a tolerância e a diversidade de crenças, preferimos que nossa análise das ciências humanas passe longe de afirmar que a interpretação de apenas um dos caras é verdadeira enquanto a do outro é falsa ou inferior. Nada de errado nisso, tirando o fato de que nunca chegamos a discutir de onde nascem esses padrões e crenças individuais, quer dizer, onde eles nascem *dentro* dos dois caras. É como se a orientação mais básica de uma pessoa diante do mundo e do significado de suas experiências pudesse estar predefinida de alguma forma, como a altura ou o número do sapato, ou ser absorvida da cultura, como a linguagem. Como se nosso modo de construir significados não fosse na verdade uma questão de escolha íntima e intencional, de decisão consciente.

Há também a questão da arrogância. O cara não religioso está perfeitamente confiante em seu repúdio de qualquer possibilidade de que os esquimós possam ter alguma relação com sua oração pedindo socorro. É verdade que muitos religiosos também parecem ter uma certeza arrogante de suas próprias interpretações. Eles são provavelmente ainda mais repulsivos que os ateus, pelo menos para a maioria de nós aqui, mas o fato é que o problema dos dogmáticos religiosos é exatamente o mesmo do ateu dessa história — a arrogância, a certeza cega, uma tacanhice que representa uma prisão tão completa que o prisioneiro nem se dá conta de que está trancafiado. Estou querendo dizer que o verdadeiro significado do mantra do “ensinar a pensar” nas ciências humanas tem a ver com isso: ser um pouco menos arrogante, ter um pouco mais de “consciência crítica” a respeito de mim mesmo e minhas certezas... pois no fim das contas uma porcentagem enorme das coisas a respeito das quais estou inclinado a automaticamente ter certeza acaba se revelando ilusória ou completamente equivocada. Aprendi isso do jeito mais difícil, e suponho que com vocês, formandos, não será diferente.

Vou dar apenas um exemplo de total incorreção sobre uma certeza automática que costumo ter. Tudo na minha experiência imediata respalda a minha crença profunda de que sou o centro absoluto do universo; a pessoa mais real, fulgurante e essencial que existe. Raramente falamos sobre esse tipo de autocentramento básico e natural, pois ele é socialmente repulsivo, mas no fundo todos nós temos mais ou menos a mesma impressão. É nossa configuração padrão, embutida em nossa placa-mãe desde o nascimento. Pensem nisso: vocês foram o centro absoluto de todas as experiências que tiveram. Sua experiência de mundo está diante ou atrás de vocês, à sua esquerda ou à sua direita, na sua TV ou no seu monitor ou onde mais for. Os pensamentos e sentimentos dos outros precisam ser comunicados a vocês de alguma forma, mas o que vocês sentem ou pensam é muito imediato, urgente, *real*. Vocês entenderam. Mas não se assustem, por favor, não estou preparando o terreno para pregar a compaixão, a preocupação com o próximo e outras supostas “virtudes”. Não se trata de virtude — se trata da minha escolha de me dar ao trabalho de modificar ou me libertar, de alguma forma, da minha configuração padrão natural, que é a de ser profunda e literalmente autocentrado e ver e interpretar tudo pelo prisma do meu ser. Quem *consegue* ajustar sua configuração padrão dessa maneira costuma ser descrito como, abre aspas, “bem ajustado”, e isso, digo a vocês, não é um termo accidental.

Dado o ambiente acadêmico em que estamos, torna-se óbvio indagar em que medida esse trabalho de ajustar nossa própria configuração padrão envolve conhecimento ou intelecto. A resposta, sem surpresa alguma, é que vai depender do tipo de conhecimento de que estamos falando. Talvez o maior risco de uma educação acadêmica, e falo do meu caso, é que ela ative uma tendência a intelectualizar as coisas além da conta, a perder-se em reflexões abstratas em vez de simplesmente prestar atenção no que se passa bem na nossa frente. Em vez de prestar atenção no que se passa *dentro* da gente. Como vocês já devem saber a essa altura, é extremamente difícil permanecer alerta e atento, em vez de se deixar hipnotizar pelo monólogo

constante que acontece dentro de nossas cabeças. O que vocês ainda não sabem é o que está em jogo nessa batalha.

Nos vinte anos que se passaram desde a minha formatura, fui entendendo aos poucos que, na verdade, o clichê das ciências humanas que fala sobre “ensinar a pensar” é a abreviatura de uma verdade muito profunda e importante. “Aprender a pensar” é aprender a exercer algum controle sobre *como e em que* você pensa. É estar consciente e atento o bastante para *escolher* em que prestar atenção e *escolher* a maneira de construir significado a partir da experiência. Porque se vocês não puderem ou não quiserem exercer esse tipo de escolha na vida adulta, vão quebrar a cara. Pensem no velho clichê segundo o qual “a mente é uma excelente empregada, mas uma péssima patroa”. Esse clichê, que como tantos outros é tolo e banal na superfície, no fundo expressa uma grande e terrível verdade. Não há um pingão de coincidência no fato de que a maioria dos adultos que cometem suicídio com armas de fogo faz isso com um tiro na... *cabeça*. E a verdade é que muitos desses suicidas já estão mortos muito antes de puxar o gatilho. Proponho a vocês que esse é o valor real e sério que precisa ser transmitido numa educação em ciências humanas: Como ter uma vida adulta confortável, próspera e respeitável sem estar morto ou inconsciente, sem ser escravo da própria cabeça e da configuração padrão natural que nos condena a estar singular, completa e imperialmente sozinhos dia após dia.

Pode parecer hipérbole ou baboseira abstrata. Então sejamos concretos. O fato puro e simples é que vocês formandos ainda não fazem ideia do que significa “dia após dia”. Existem áreas inteiras da vida adulta americana que ninguém menciona nos discursos de paraninfo. Os Pais e todo o pessoal mais velho aqui presente sabem bem demais sobre o que estou falando. A título de exemplo, digamos que hoje é um dia típico da vida adulta e você acorda de manhã, vai para seu emprego qualificado, de alto nível de especialização, desafiador, trabalha duro por nove ou dez horas e no final do dia está cansado e um pouco estressado, e tudo que deseja é ir para casa ao encontro de um belo jantar e talvez algumas horas de ócio para depois cair na cama bem cedo porque no dia seguinte precisa acordar e fazer tudo de novo. Mas aí você

lembra que não tem comida em casa — você não teve tempo de fazer compras naquela semana, por causa do emprego desafiador — então você precisa entrar no carro após o trabalho e dirigir até o supermercado. É o horário em que todos saem do trabalho e o trânsito está péssimo, de modo que você leva muito mais tempo do que deveria para chegar ao mercado e quando finalmente chega ele está lotadíssimo porque, obviamente, é o horário do dia em que todas as outras pessoas que trabalham tentam aproveitar para fazer as compras domésticas e o mercado está iluminado por uma luz fluorescente horrenda e impregnado de música de elevador ou pop comercial de massacrar a alma e esse é mais ou menos o último lugar no qual você gostaria de estar agora, mas é impossível dar um pulinho rápido e cair fora; é preciso perambular pelos corredores imensos, lotados e excessivamente iluminados do mercado para encontrar o que você quer, e é preciso manobrar o carrinho de compras sucateado pelo meio de todas essas outras pessoas cansadas e apressadas que empurram seus próprios carrinhos, e é claro que não faltam os velhos com sua vagarosidade glacial e os sujeitos espaçosos e as crianças com DDA bloqueando os corredores e você range os dentes e tenta ser educado quando deixam você passar até que finalmente consegue reunir todos os produtos necessários para a sua refeição noturna, só que agora você descobre que não há um número suficiente de caixas abertos, apesar do horário de pico, e por causa disso a fila para pagar está incrivelmente longa, o que é absurdo e enfurecedor, mas você não pode descontar a fúria na moça à beira de um ataque de nervos que trabalha no caixa pois ela está sobrecarregada num emprego cujos níveis diários de tédio e ausência de sentido ultrapassam a imaginação de qualquer um de nós aqui presentes numa universidade conceituada... de qualquer modo, enfim chega a sua vez no caixa e você paga pela comida, espera o cheque ou o cartão ser autenticado pela máquina e escuta um “Tenha uma boa noite” dito por uma voz que é a voz absoluta da *morte* e em seguida precisa colocar as sacolinhas plásticas frágeis, repulsivas e cheias de produtos dentro do carrinho com uma rodinha que puxa para a esquerda levando você à loucura, e empurrar o carrinho através do

estacionamento lotado, irregular e cheio de lixo para depois tentar acomodar as sacolas no carro evitando que tudo caia para fora e fique rolando dentro do porta-malas enquanto você enfrenta o tráfego lerdo, pesado e atravancado por utilitários esportivos et cetera et cetera. Todo mundo aqui já passou por isso, é claro — mas ainda não faz parte da rotina diária de vocês formandos, a cada dia de cada semana de cada mês de cada ano. Mas fará, junto com muitas outras rotinas pavorosas, maçantes e aparentemente sem sentido algum.

Mas a questão não é essa. A questão é que o exercício da escolha entra em cena justamente em situações infernais e frustrantes como essa. Engarrafamentos, corredores lotados e filas longas me proporcionam um momento para pensar, e se eu não tomar uma decisão consciente sobre como devo pensar e em que devo prestar atenção, ficarei irritado e sofrerei toda vez que precisar fazer compras, já que minha configuração padrão natural me assegura de que situações desse tipo só dizem respeito a *mim*, à minha fome, ao meu cansaço e à minha vontade de chegar em casa, e ficará parecendo que o resto do mundo não existe e que todo mundo está *na minha frente*. E quem são todas essas pessoas *na minha frente*? Olha como são repulsivas, como parecem idiotas, bovinas, zumbificadas e inumanas na fila do caixa, como é desagradável e inconveniente que estejam falando aos berros no celular bem no meio da fila. E olha que terrivelmente injusto: trabalhei duro o dia todo, estou faminto e cansado, e não posso nem chegar em casa para comer e relaxar por causa dessas malditas *pessoas* idiotas. Ou, é claro, se minha configuração padrão estiver num modo mais socialmente consciente, digno das ciências humanas, posso dedicar o tempo que passo no trânsito do final do dia a me revoltar contra os utilitários esportivos, Hummers e picapes V-12 imensos, estúpidos e atravancadores que queimam seus tanques esbanjadores e egoístas de 150 litros de gasolina, e eu posso meditar sobre o fato de que os adesivos patrióticos e religiosos costumam adornar justamente os veículos mais gigantescos e desprezivelmente egoístas, quase sempre guiados pelos motoristas mais asquerosos, desatenciosos e agressivos, que gostam de falar ao celular enquanto cortam a frente dos outros para avançar míseros cinco

metros no engarrafamento, e posso pensar em como os filhos dos nossos filhos nos odiarão por termos desperdiçado todo o combustível do futuro e provavelmente arruinado o clima, e em quão mimados, estúpidos, egoístas e repulsivos todos nós somos, e em como tudo é simplesmente uma *merda* e por aí vai.

Posso escolher pensar desse jeito, é o que muita gente faz — só que pensar desse jeito, em geral, é algo tão fácil e automático que não *precisa* ser uma escolha. Pensar desse jeito é minha configuração padrão natural. É minha maneira automática e inconsciente de vivenciar as partes aborrecidas, frustrantes e apinhadas da vida adulta quando opero na crença automática e inconsciente de que sou o centro do mundo e de que as minhas necessidades e sentimentos imediatos são o que deveria determinar as prioridades do mundo. É evidente, porém, que há outras maneiras de pensar numa situação desse tipo. No meio do trânsito, com todos os veículos presos em ponto morto à minha frente, nada impede que um dos motoristas de utilitários esportivos tenha sofrido um acidente de carro horrível no passado e ficado com um pavor tão grande de dirigir que seu terapeuta praticamente o obrigou a adquirir um utilitário esportivo enorme e pesado para que ele pudesse se sentir seguro o bastante para andar de carro; ou que o Hummer que acaba de me cortar a frente esteja sendo guiado por um pai com o filho pequeno machucado ou doente no banco ao lado, tentando chegar o mais rápido possível ao hospital com uma pressa bem maior e mais legítima que a minha — sou *eu*, na verdade, que estou no caminho *dele*. Também posso fazer a escolha de me forçar a cogitar a probabilidade de que todas as outras pessoas na fila do supermercado sentem o mesmo tédio e frustração que eu, e que algumas dessas pessoas certamente têm vidas mais duras, tediosas e sofridas que a minha em todos os sentidos. Por favor, repito, não pensem que estou tentando dar um conselho moral ou dizendo que vocês “deveriam” pensar dessa forma, nem que alguém espera que vocês façam isso automaticamente, porque é difícil, requer força de vontade e disposição mental, e se vocês forem como eu, haverá dias em que não conseguirão ou simplesmente não estarão a fim de fazer isso. Mas na maior parte do tempo, se ficarem atentos o bastante

para lembrar que têm escolha, poderão encarar de outra maneira essa mulher gorda, inexpressiva e cheia de maquiagem que acabou de berrar com o filho na fila do caixa — pode ser que ela não costume agir assim; pode ser que tenha ficado acordada três noites seguidas segurando a mão do marido que está morrendo de câncer ósseo. Talvez essa mulher seja a funcionária mal paga do Departamento de Trânsito que, ontem mesmo, com um pequeno gesto de boa vontade burocrática, ajudou seu cônjuge a resolver um problema insolúvel de documentação. Nada disso é provável, é claro, mas também não é impossível — só vai depender do que vocês vão preferir levar em conta. Se tiverem a certeza automática de que conhecem a realidade e sabem quem e o quê realmente importa — se preferirem operar na configuração padrão, então vocês, assim como eu, provavelmente farão vista grossa a possibilidades que não são inúteis nem irritantes. Todavia, se tiverem aprendido a prestar atenção de verdade, saberão que existem outras opções. Estará ao alcance de vocês vivenciar a multidão, o barulho e a lentidão de um inferno do consumo como uma coisa não apenas significativa, mas também sagrada, incendiada pela mesma força que acendeu as estrelas — a compaixão, o amor, a comunhão fofinha de todas as coisas. Não que esse papo místico seja necessariamente verdadeiro. A única verdade com V maiúsculo é que quem decide como vai tentar ver as coisas são vocês mesmos. Essa, a meu ver, é a liberdade de uma educação autêntica, de aprender a ser bem ajustado: poder decidir conscientemente o que tem significado e o que não tem. Poder decidir o que venerar...

Pois aqui está uma outra verdade. Nas trincheiras cotidianas de uma vida adulta, não existe isso de ateísmo. Não existe isso de não venerar. Todo mundo venera. Nossa única escolha é *o que* venerar. E se existe uma ótima razão para talvez escolher venerar algum tipo de deus ou coisa espiritual — seja Jesus Cristo ou Alá, YHWH ou uma deusa-mãe wiccan, as Quatro Verdades Nobres ou algum conjunto inviolável de princípios éticos — é que praticamente todas as outras coisas vão devorar vocês vivos. Quem venerar o dinheiro e os bens materiais, quem buscar neles o sentido da vida, nunca terá

o suficiente. Nunca terá a sensação de que tem o suficiente. É a verdade. Quem venerar o próprio corpo, beleza e encanto sexual sempre vai se achar feio, e quando o tempo e a idade começarem a deixar marcas morrerá um milhão de mortes antes de finalmente ser enterrado por alguém. De certo modo, todo mundo já sabe disso — está codificado em mitos, provérbios, clichês, máximas, epigramas, parábolas; no esqueleto de toda boa história. O grande truque é conseguir manter a verdade na superfície da consciência em nossas vidas cotidianas. Quem venerar o poder vai se sentir fraco e amedrontado, e precisar de cada vez mais poder para conseguir afastar o medo. Quem venerar o intelecto, ser visto como inteligente, vai acabar se sentindo burro, uma fraude na iminência de ser desmascarada. E por aí vai.

Essas formas de venerar são traiçoeiras não por serem malignas ou pecaminosas, mas por serem *inconscientes*. São configurações padrão. É o tipo de veneração pelo qual nos deixamos levar gradualmente, dia após dia, e que nos torna cada vez mais seletivos em relação ao que vemos e a como atribuímos valor às coisas, sem jamais termos plena consciência do que é isso que estamos fazendo. E o suposto “mundo real” nunca desencorajará vocês de operarem nas configurações padrão, porque o suposto “mundo real” dos homens, do dinheiro e do poder avança tranquilamente movido pelo medo, pelo desprezo, pela frustração, pela ânsia e pela veneração do ego. Nossa cultura atual canalizou essas forças de modo a produzir doses extraordinárias de riqueza, conforto e liberdade pessoal. A liberdade de sermos senhores de reinos minúsculos, do tamanho dos nossos crânios, sozinhos no centro de toda a criação. Esse tipo de liberdade tem seus méritos. Mas é óbvio que há liberdades dos mais variados tipos, e no vasto mundo lá de fora, onde o que importa é vencer, conquistar e se exhibir, vocês não ouvirão falar muito do tipo mais precioso de todos. O tipo realmente importante de liberdade requer atenção, consciência, disciplina, esforço e a capacidade de se importar genuinamente com os outros e de se sacrificar por eles inúmeras vezes, todos os dias, numa miríade de formas corriqueiras e pouco excitantes. Essa é a verdadeira liberdade. Isso é ter aprendido a pensar. A alternativa é a inconsciência, a configuração padrão, a “corrida de ratos” — a sensação

permanente e corrosiva de ter possuído e perdido alguma coisa infinita.

Sei que esse assunto talvez não traga a diversão, a leveza e a inspiração grandiloquente que se espera do recheio de um bom discurso de paraninfo. O que temos aqui, até onde sei, é a verdade despida de uma grossa camada de baboseiras retóricas. Vocês, é claro, são livres para achar o que quiserem. Mas, por favor, não descartem este discurso como um mero sermão admoestador. Nada disso tem a ver com moralidade, religião, dogmas ou grandes questões sobre a vida após a morte. A verdade com V maiúsculo diz respeito à vida *antes* da morte. Diz respeito a chegar aos trinta, ou quem sabe aos cinquenta, sem querer dar um tiro na cabeça. Diz respeito ao valor real de uma verdadeira educação, que não tem nada a ver com notas e diplomas e tudo a ver com simples consciência — consciência daquilo que é tão real e essencial, que está tão escondido à luz do dia onde quer que se olhe que precisamos repetir para nós mesmos a todo momento: “Isto é água, isto é água; esses esquimós podem ser bem mais do que aparentam”. É incrivelmente difícil fazer isso, ter uma vida consciente e adulta, dia após dia. E com isso mais um clichê se prova verdadeiro: a nossa educação leva *mesmo* a vida toda, e ela começa: agora. Desejo a vocês muito mais que sorte.

\* Discurso de Paraninfo, Kenyon College, 21 de maio de 2005.